

Julia Quinn

Dez coisas que eu
amo em você

TRILOGIA BEVELSTOKE 3



*Dez coisas que eu
amo em você*





O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

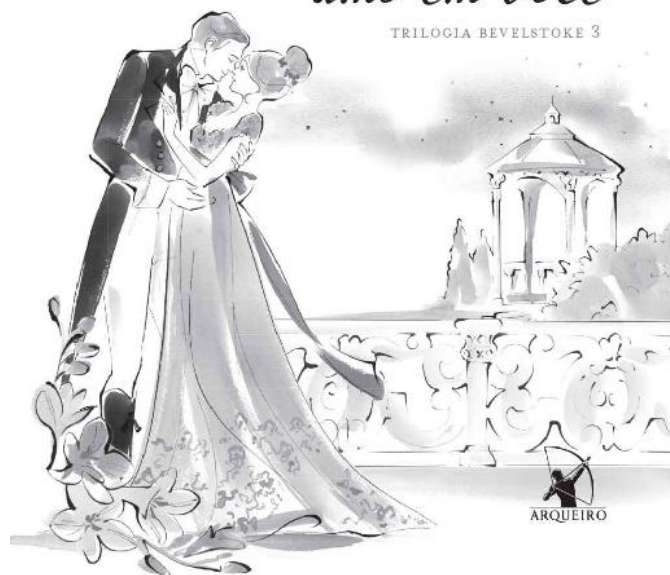
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Julia Quinn

Dez coisas que eu
amo em você

TRILOGIA BEVELSTOKE 3



ARQUEIRO

Título original: *Ten Things I Love about You*
Copyright © 2010 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp e Bruno Fiuza

preparo de originais: Flávia Midori

revisão: Sheila Louzada e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: Ceara Elliot / LBBG

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: Yoco / Dutch Uncle

foto da autora: Roberto Filho

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64d

Quinn, Julia, 1970-

Dez coisas que eu amo em você [recurso eletrônico] / Julia Quinn;
tradução de Bruno Fiuza, Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro,
2020.

recurso digital (Bevelstoke; 3)

Tradução de: Ten things I love about you

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0167-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Fiuza, Bruno. II. Clapp,
Roberta. III. Título. IV. Série.

20-63333

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para minhas leitoras e meus leitores.
Sem vocês não seria possível ter o trabalho mais bacana
do mundo.*

*E também para Paul,
pelo mesmo motivo.*

Sumário

Prólogo

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Epílogo

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro



Famílias são complicadas.

Annabel Winslow tem um avô que se refere à mãe dela como “aquela idiota que se casou com aquele maldito idiota” e uma avó que prefere ver a decência como algo opcional.

Sebastian Grey tem primos que querem vê-lo casado e um tio que gostaria de vê-lo morto.

Com sorte, os dois desejos em breve serão realizados...



Prólogo

Alguns anos antes

Ele não conseguia dormir.

Não era novidade. Era de se esperar que àquela altura ele já teria se acostumado.

Mas não. Todas as noites Sebastian Grey fechava os olhos confiante em que logo pegaria no sono. Por que não seria assim? Era um sujeito perfeitamente saudável, perfeitamente feliz, perfeitamente são. Não havia nenhum motivo para não conseguir dormir.

Só que ele não conseguia.

Não era sempre assim. Vez por outra – ele não entendia por que – botava a cabeça no travesseiro e caía quase instantaneamente em um sono feliz. No mais das vezes, porém, ele se remexia, se revirava, se levantava para ler, tomava chá, se remexia, se revirava de novo, se sentava e ficava olhando pela janela, se remexia, se revirava, jogava dardos, se remexia, se revirava e, por fim, desistia e assistia ao nascer do sol.

Vira o amanhecer muitas vezes. Tantas que agora se considerava um especialista no nascer do sol das Ilhas Britânicas.

Inevitavelmente, a exaustão chegava e, pouco depois de clarear o dia, ele adormecia na cama, na cadeira ou, nos dias mais desagradáveis, com o rosto colado à janela. Isso não acontecia todos os dias, mas com uma frequência que o fizera ganhar fama de

dorminhoco, o que ele achava bem engraçado. Não havia nada que apreciasse mais do que uma manhã fresca e animada, e, sem dúvida, nenhuma refeição era tão gratificante quanto o café da manhã inglês.

Por isso Sebastian se educou para conviver com esse transtorno da melhor forma possível. Tinha adquirido o hábito de tomar o desjejum na casa de seu primo Harry, em parte porque a empregada preparava uma belíssima refeição, mas também porque agora Harry passara a esperá-lo sempre. O que significava que, a cada dez vezes, Sebastian *tinha* que aparecer em nove. O que significava que ele não podia mais desmaiar às sete e meia todas as manhãs. O que significava que, na noite seguinte, sempre estava mais cansado do que o normal. Então, quando se arrastava até a cama e fechava os olhos, conseguia pegar no sono.

Em tese.

Não, aquilo não era justo, ele pensou. Não havia necessidade de ser sarcástico consigo mesmo. Seu plano não era perfeito, mas estava funcionando. Ele vinha dormindo um pouco melhor. Só naquela noite é que não.

Sebastian se levantou, foi até a janela e apoiou a cabeça na treliça. Estava frio lá fora, e uma brisa gelada atravessou o vidro. Ele gostava daquela sensação. Era grande. Enorme. O tipo de momento vívido que o lembrava de sua humanidade. Ele sentia frio, logo estava vivo. Sentia frio, logo não era invencível. Sentia frio, logo...

Sebastian se afastou da janela e bufou, enfasiado.

Sentia frio, logo sentia frio. Não havia nada além disso.

Ficou surpreso por não estar chovendo. Quando chegara em casa naquela noite, parecia que ia chover. Ele se tornara inusitadamente bom em prever o tempo durante sua estadia no continente.

Era provável que começasse a chover em breve.

Ele voltou para o meio do quarto e deu um bocejo. Talvez devesse ler um pouco. Isso às vezes o deixava com sono. Só que a

questão não era estar com sono. Ele podia estar morto de sono e mesmo assim não dormir. Fechava os olhos, ajeitava o travesseiro e...

Nada.

Ficava ali esperando, esperando, esperando. Tentava esvaziar a mente, porque, sem dúvida, era o que precisava fazer. Uma tela em branco. Uma lousa limpa. Se conseguisse abraçar o nada absoluto, então dormiria. Tinha certeza disso.

Mas não deu certo. Porque, sempre que Sebastian Grey tentava abraçar o nada, a guerra voltava e cravava as garras *nele*.

Ele a via. Ele a sentia. Mais uma vez. Todas aquelas coisas pelas quais bastava ter passado uma única vez. Então abria os olhos. Porque assim tudo o que via era seu quarto um tanto comum, com sua cama um tanto comum. A colcha era verde, as cortinas eram douradas. A escrivaninha era de madeira.

Estava silencioso, também. Durante o dia havia ruídos típicos da cidade, mas à noite aquele trecho quase sempre mergulhava no silêncio. Era incrível, de verdade, apreciar o silêncio. Ouvir o som do vento e até o canto dos pássaros, sem ter que manter o ouvido atento aos passos ou aos tiros. Ou a coisas piores.

Talvez fosse de esperar que, em meio a um silêncio tão feliz, Sebastian conseguisse dormir.

Ele deu outro bocejo. Sim, talvez devesse ler um pouco. Tinha trazido alguns livros da coleção de Harry naquela tarde. Não havia muito que escolher – Harry gostava de ler em francês ou russo e, embora Sebastian conhecesse as duas línguas (a avó materna dos dois insistira nisso), elas não eram naturais para ele como eram para Harry. Ler em qualquer idioma que não fosse inglês era *trabalhoso*, e Seb só queria se distrair.

Era pedir demais de um livro?

Se *ele* fosse escrever um livro, haveria emoção. Vidas seriam perdidas, mas não muitas. E jamais as dos personagens principais. Seria muito deprimente.

Também haveria romance. E perigo. Perigo era uma coisa boa.

Talvez um toque exótico, mas não muito. Sebastian desconfiava que a maioria dos autores não pesquisasse de forma adequada. Fazia pouco ele lera um livro que se passava em um harém nas Arábias. E, se por um lado Seb achava a ideia de um harém, sem dúvida, interessante – *muito* interessante, na verdade –, para ele o autor não tinha captado os detalhes corretamente. Mesmo para Seb, que gostava de aventuras mais do que qualquer um, era difícil acreditar que a destemida heroína inglesa tivesse conseguido escapar pendurando uma cobra na janela e descendo por ela.

Para piorar, o autor nem mesmo descrevera qual espécie de cobra ela havia usado.

Sério, ele, com certeza, podia fazer melhor que aquilo.

Se fosse escrever um livro, a história se passaria na Inglaterra. Não haveria cobras.

E o herói não seria um dândi nervosinho, que só se interessava pelas próprias roupas. Se fosse escrever um livro, o herói seria heroico de verdade, oras.

Mas com um passado misterioso. Apenas para manter o suspense.

Deveria haver uma heroína também. Ele gostava de mulheres. Poderia escrever sobre uma. Qual seria o nome dela? Um nome comum. Joana, quem sabe. Não, soava valente demais. Mary? Anne?

Sim, Anne. Ele gostava de Anne. Tinha uma sonoridade marcante e adequada. Só que ninguém a chamaria de Anne. Se ele fosse escrever um livro, sua heroína seria solitária, sem família. Ninguém a chamaria pelo primeiro nome. E precisaria de um bom sobrenome. Algo fácil de lembrar. Algo agradável.

Sainsbury.

Sebastian fez uma pausa, para testá-lo mentalmente. Sainsbury. Parecia uma marca de queijo.

Isso era uma coisa boa. Ele gostava de queijo.

Anne Sainsbury. Um bom nome. Anne Sainsbury. Srta. Sainsbury. A Srta. Sainsbury e...

E o quê?

Já o herói... deveria ter uma carreira? Sebastian, sem dúvida, conhecia os modos da nobreza bem o suficiente para pintar um retrato acurado de um lorde indolente.

Mas aquilo seria sem graça. Se ele fosse escrever um livro, teria que ser uma história muito boa mesmo.

O herói poderia ser militar. Ele entendia disso, sem dúvida. Um major, talvez? A Srta. Sainsbury e o major misterioso?

Meu Deus, não. Quanta aliteração. Até mesmo ele achava aquilo um pouco demais.

Um general? Não, generais eram muito ocupados. Além disso, não andavam dando sopa por aí. Se fosse para escrever sobre tipos raros assim, ele também poderia acrescentar um duque ou dois.

Quem sabe um coronel? Uma patente alta transmitiria autoridade e poder. Poderia ser de boa família, com dinheiro, mas não muito. O caçula. Filhos mais novos sempre têm que se esforçar mais para construir uma trajetória de respeito.

A Srta. Sainsbury e o coronel misterioso. Isso mesmo: se ele fosse escrever um livro, daria esse título.

Mas Sebastian não ia escrever um livro. Ele bocejou. Onde arrumaria tempo? Olhou para sua pequena escrivadinha, completamente vazia exceto por uma xícara de chá que havia esfriado. E papel?

O sol já estava começando a nascer. Ele deveria voltar para a cama e tentar dormir algumas horas antes de ir até a casa de Harry para o café da manhã.

Olhou para a janela, onde os raios oblíquos da luz da alvorada ondulavam através do vidro.

Fez uma pausa. A frase tinha soado bem.

Os raios oblíquos da luz da alvorada ondulavam através do

vidro.

Não, não estava claro. Escrito daquela forma, ele poderia estar se referindo a uma taça de conhaque.

Os raios oblíquos da luz da alvorada ondulavam através da vidraça.

Assim estava melhor. Mas ainda precisava de algo mais.

Os raios oblíquos da luz da alvorada ondulavam através da vidraça e a Srta. Anne Sainsbury estava encolhida debaixo de seu cobertor fino, imaginando, como era de costume, onde conseguiria dinheiro para sua próxima refeição.

Estava muito bom. Até ele queria saber o que tinha acontecido com a Srta. Sainsbury, e era ele quem estava inventando a história.

Sebastian mordeu o lábio inferior. Deveria escrever aquilo. E dar um cachorro a ela.

Ele se sentou à escrivaninha. Papel. Precisava de papel. E de tinta. Tinha que haver um pouco de tinta em alguma gaveta.

Os raios oblíquos da luz da alvorada ondulavam através da vidraça e a Srta. Anne Sainsbury estava encolhida debaixo de seu cobertor fino, imaginando, como era de costume, onde conseguiria dinheiro para sua próxima refeição. Ela olhou para sua fiel collie, deitada em silêncio no tapete ao lado da cama, e soube que havia chegado a hora de tomar uma decisão crucial. A vida de seus irmãos dependia daquilo.

Veja só. Era um parágrafo inteiro. E ele não havia demorado quase nada para escrevê-lo.

Olhou de novo pela janela. Os raios oblíquos da luz da alvorada ainda ondulavam através da vidraça.

Os raios oblíquos da luz da alvorada ondulavam através da vidraça e Sebastian Grey estava feliz.

Capítulo um

Mayfair, Londres
Primavera de 1822

— **O** segredo de um casamento bem-sucedido – pontuou lorde Vickers – é não se intrometer na vida da esposa.

Uma declaração como aquela normalmente teria pouca influência na vida e na sorte da Srta. Annabel Winslow, mas dez fatores fizeram o pronunciamento de Vickers atingir dolorosamente o coração dela.

Um: ele era seu avô materno, ou seja, **dois:** a esposa em questão era sua avó, que **três:** pouco antes havia decidido arrancar Annabel de sua vida pacata e feliz em Gloucestershire para, em suas palavras, “dar um jeito nela e lhe arrumar um marido”.

Além disso, **quatro:** lorde Vickers falara aquilo para lorde Newbury, que **cinco:** havia se casado uma vez, aparentemente com sucesso, mas **seis:** sua esposa falecera e agora ele era viúvo, e ainda por cima **sete:** seu filho morrera no ano anterior, deixando-o sem herdeiros.

O que significava que **sete:** Newbury estava à procura de uma nova esposa e **oito:** acreditava que uma aliança com Vickers era uma boa saída, então **nove:** ele estava de olho em Annabel porque **dez:** ela tinha quadris largos.

Céus! Ela havia listado dois itens sete?

Annabel deu um suspiro, o mais próximo de afundar na cadeira

que lhe era permitido. Na verdade, isso não significava propriamente que havia onze fatores em vez de dez: os quadris largos eram *dela*, mas naquele momento lorde Newbury estava ponderando se seu herdeiro passaria nove meses aconchegado ali.

– A mais velha de oito, foi o que você disse? – murmurou Newbury, encarando Annabel, pensativo.

Pensativo? Talvez não fosse a palavra certa. Ele parecia prestes a lamber os beiços. Annabel olhou para a prima, lady Louisa McCann, com cara de nojo. Louisa fora até lá para uma visita vespertina, e as duas estavam se divertindo bastante até lorde Newbury fazer sua inesperada aparição. Louisa tinha o semblante perfeitamente sereno, como era a regra em ocasiões sociais, mas Annabel percebeu que os olhos dela se arregalavam em cumplicidade.

Se a prima, cujos modos e atitudes eram sempre adequados em todo tipo de situação, não conseguia disfarçar seu horror, Annabel, sem dúvida, estava em apuros.

– E todos, sem exceção, nasceram saudáveis e fortes – acrescentou lorde Vickers, com orgulho.

Ele ergueu o copo em um brinde silencioso à filha mais velha, a fecunda Frances Vickers Winslow, a quem, Annabel não pôde evitar lembrar, ele geralmente se referia como Aquela Idiota que se Casou com Aquele Maldito Idiota.

Lorde Vickers não ficou nada satisfeito quando a filha se casou com um cavalheiro do campo de recursos limitados. Até onde Annabel sabia, esse sentimento jamais mudara.

A mãe da prima Louisa, por outro lado, havia se casado com o caçula do duque de Fenniwick apenas três meses antes de o filho mais velho dar um salto estúpido com um garanhão mal-adestrado e quebrar seu nobre pescoço. Isso acontecera, nas palavras de lorde Vickers, “num momento mais do que oportuno”.

Para a mãe de Louisa, sem dúvida; para o herdeiro morto, não. Nem para o cavalo.

Não era de surpreender, portanto, que os caminhos de Annabel e Louisa só tivessem se cruzado raras vezes antes daquela primavera. Os Winslows, com sua numerosa prole espremida em uma casa simples, tinham pouco em comum com os McCanns, que, quando não estavam em sua mansão palaciana em Londres, moravam em um antigo castelo bem na fronteira com a Escócia.

– O pai de Annabel tinha nove irmãos – disse lorde Vickers.

Annabel virou-se para encará-lo com mais atenção. Era o mais próximo que seu avô havia chegado de um verdadeiro elogio a seu pai, que Deus o tivesse.

– É mesmo? – rebateu lorde Newbury, voltando-se para Annabel com os olhos mais reluzentes ainda.

Annabel passou a língua pelos lábios, juntou as mãos sobre o colo e se perguntou como poderia dar a entender que era infértil.

– E, é claro, nós temos sete – complementou Vickers, fazendo um gesto que indicava modéstia, mas que na verdade os homens fazem quando não estão sendo nada modestos.

– Parece que o senhor às vezes se intrometia na vida de lady Vickers – comentou lorde Newbury, dando uma risadinha.

Annabel engoliu em seco. Quando Newbury ria, ou melhor, quando fazia qualquer movimento, suas mandíbulas pareciam bater e chacoalhar. Era uma visão terrível, que lembrava a geleia de mocotó que a governanta lhe empurrava goela abaixo quando ela ficava doente. Sem dúvida, o suficiente para uma jovem perder o apetite.

Ela tentou estipular quanto tempo teria que ficar sem comer para reduzir o tamanho de seus quadris, de preferência até uma largura considerada inapta à maternidade.

– Pense nisso – retrucou lorde Vickers, dando um tapinha cordial nas costas do velho amigo.

– Ah, estou pensando mesmo – disse lorde Newbury.

Ele se virou para Annabel, os olhos azul-claros reluzindo de desejo.

– Estou definitivamente pensando.

– As pessoas dão demasiada importância aos pensamentos – declarou lady Vickers, então ergueu uma taça de xerez em um brinde a ninguém em especial e bebeu.

– Esqueci que estava aí, Margaret – comentou Newbury.

– Eu não esqueço nunca – resmungou lorde Vickers.

– Estou me referindo aos cavalheiros, é claro – arrematou ela, estendendo a taça para que um dos homens lhe servisse outra dose. – Uma dama deve pensar o tempo todo.

– Neste ponto, discordamos – disse Newbury. – Minha Margaret guardava os pensamentos para si. Tivemos um casamento esplêndido.

– Ela não se intrometia na sua vida, não é? – perguntou lorde Vickers.

– Como eu falei, foi um casamento esplêndido.

Annabel olhou para Louisa, sentada graciosamente na cadeira ao lado. Sua prima era esguia, com ombros estreitos, cabelos castanho-claros e olhos de um verde bem claro. Annabel sempre se achara meio monstruosa comparada a ela. Seus cabelos eram escuros e ondulados, sua pele era do tipo que ficava bronzeada se ela se expusesse por muito tempo ao sol e sua aparência atraía uma atenção indesejada desde sua 12ª primavera.

Mas nunca – jamais – a atenção havia sido mais indesejada do que naquele momento em que lorde Newbury a fitava como quem está prestes a devorar uma guloseima.

Annabel ficou sentada em silêncio, procurando agir como Louisa, sem deixar que seus pensamentos a traíssem. Sua avó sempre a repreendera por ser expressiva demais. “Pelo amor de Deus” era um chavão familiar. “Pare de sorrir como se *soubesse* das coisas. Cavalheiros não querem uma dama que sabe das coisas. Não como esposa, pelo menos.”

Então lady Vickers tomava um gole de sua bebida e acrescentava: “Depois que estiver casada, você pode saber de

muitas coisas. De preferência, com um cavalheiro que não seja o seu marido.”

Se Annabel não sabia das coisas antes, sem dúvida ficou sabendo naquele momento. Por exemplo, o fato de que pelo menos três dos filhos dos Vickers provavelmente não eram Vickers. Sua avó, Annabel percebia, tinha, além de um vocabulário notavelmente blasfemo, uma visão bem duvidosa de moralidade.

Gloucestershire começava a parecer um sonho. Tudo em Londres era tão... brilhante. Não literalmente, claro. Na verdade, Londres era bastante cinzenta, coberta por um verniz de fuligem e sujeira. Annabel não sabia ao certo por que “brilhante” era a palavra que lhe vinha à mente. Talvez porque nada ali parecesse simples. Nem descomplicado. As coisas eram, ela diria, até um pouco instáveis.

Annabel se pegou desejando um copo de leite, como se algo fresco e saudável pudesse restaurar seu equilíbrio. Nunca se considerara particularmente distinta, e só Deus sabia que ela era a Winslow com maior probabilidade de cochilar durante a missa, mas cada dia na capital parecia trazer uma nova surpresa, um novo acontecimento que a deixava confusa e perplexa.

Já fazia um mês que estava em Londres. Um mês! E ainda agia como se pisasse em ovos, sem nunca ter certeza de estar fazendo ou falando a coisa certa.

Ela *odiava* isso.

Em casa, sentia-se segura. Nem sempre estava certa, mas quase sempre estava segura. Em Londres, as regras eram diferentes. E, pior, todo mundo conhecia todo mundo. Quando as pessoas não se conheciam pessoalmente, conheciam as *histórias*. Era como se a alta sociedade inteira soubesse de alguma fofoca da qual Annabel não estava a par. Cada conversa continha um significado subliminar, mais profundo e sutil. E Annabel – que, além de ser a Winslow com maior probabilidade de cochilar durante a missa, era a Winslow com maior probabilidade de falar o que

pensava – tinha a sensação de não poder dizer nada, temendo ofender alguém.

Ou constranger a si mesma.

Ou constranger outra pessoa.

Ela não suportava essa ideia. Simplesmente não conseguia nem pensar em comprovar ao avô que a mãe era mesmo uma idiota, que o pai era mesmo um maldito idiota e que ela era a mais maldita idiota de todos.

Havia mil maneiras de fazer papel de idiota, e novas oportunidades surgiam todos os dias. Era exaustivo ter que se esquivar delas o tempo inteiro.

Annabel se levantou e fez uma mesura quando o conde de Newbury se despediu, fingindo não perceber que os olhos dele se demoraram em seu decote. O avô o acompanhou até a porta, deixando-a sozinha com Louisa, a avó e uma garrafa de xerez.

– Sua mãe ficará muito satisfeita – anunciou lady Vickers.

– Com o quê? – perguntou Annabel.

A avó lançou-lhe um olhar cansado, com um quê de incredulidade e enfado.

– Com o conde. Quando concordei em recebê-la aqui, não imaginava que conseguiria nada acima de um barão. Que sorte a sua ele estar desesperado.

Annabel sorriu com sarcasmo. Como era agradável ser o objeto do desespero de alguém.

– Xerez? – ofereceu a avó.

Annabel recusou.

– Louisa? – Lady Vickers se virou para a outra neta, que fez que não com a cabeça. – Ele não é muito atraente, é verdade – continuou –, mas era bonito quando jovem, portanto seus filhos não serão feios.

– Que ótimo – disse Annabel baixinho.

– Várias amigas minhas tentaram fisgá-lo, mas ele só tinha olhos para Margaret Kitson.

– Suas amigas – murmurou Annabel.

As contemporâneas da avó haviam desejado se casar com lorde Newbury. As contemporâneas da avó haviam desejado se casar com o homem que provavelmente se casaria com *ela*.

Meu Deus.

– E vai morrer logo – argumentou a avó. – Nada poderia ser melhor do que isso.

– Acho que vou aceitar o xerez – anunciou Annabel.

– Annabel... – disse Louisa com um suspiro, lançando à prima um olhar inquisidor.

Lady Vickers assentiu e lhe serviu uma taça.

– Não diga nada a seu avô – pediu ela. – Ele não acha de bom-tom que mulheres com menos de 30 anos bebam.

Annabel tomou um longo gole. Desceu queimando pela garganta, mas ela conseguiu não engasgar. Nunca tinha bebido xerez em casa, pelo menos não antes do jantar. Só que ali, *naquele momento*, sentiu que precisava de algo revigorante.

– Lady Vickers – chamou o mordomo –, a senhora me pediu que a lembrasse quando fosse hora de partir para o encontro com a Sra. Marston.

– Ah, claro – disse lady Vickers, gemendo ao se levantar. – Ela é uma velha maçante e tagarela, mas sabe bem como servir uma bela mesa.

Annabel e Louisa ficaram de pé enquanto a avó deixava o aposento e, assim que ela saiu, afundaram de volta nas cadeiras.

– *O que* aconteceu enquanto eu estive fora? – indagou Louisa.

– Suponho que você esteja se referindo a lorde Newbury – retrucou Annabel com um leve suspiro.

– Passei apenas quatro dias em Brighton. – Louisa lançou um rápido olhar em direção à porta, para se certificar de que não havia ninguém por perto, depois sussurrou com impaciência: – E agora ele quer se *casar* com você?

– Ele não falou muito a respeito – respondeu Annabel, tentando

manter o pensamento positivo.

A julgar pela atenção que lorde Newbury tinha lhe dispensado naqueles quatro dias, ele partiria para a Cantuária a fim de obter uma licença especial de matrimônio antes mesmo de a semana acabar.

– Você conhece a história dele? – perguntou Louisa.

– Acho que sim – respondeu Annabel. – Em parte.

Certamente não tanto quanto Louisa. A prima já estava em sua segunda temporada em Londres e, o mais importante, tinha nascido naquele universo. O pedigree de Annabel podia até incluir um avô visconde, mas ela ainda era filha de um cavalheiro do campo. Louisa, por sua vez, passara todos os verões e primaveras de sua vida na capital. A mãe dela, Joan, tia de Annabel, falecera muitos anos antes, mas o duque de Fenniwick tinha várias irmãs, todas elas ocupando posições de destaque na sociedade. Louisa podia ser tímida, podia ser a última pessoa que alguém esperaria que fosse espalhar fofocas e boatos, mas *sabia* de tudo.

– Ele está desesperado por uma esposa – afirmou Louisa.

Annabel deu de ombros, num gesto supostamente autodepreciativo.

– Eu também estou desesperada por um marido.

– Não *tão* desesperada assim.

Annabel não a contradisse, mas a verdade era que, se ela não arrumasse logo um bom casamento, só Deus sabia o que seria de sua família. Nunca tinham sido ricos, mas haviam conseguido sobreviver com dignidade enquanto seu pai era vivo. Ela não sabia direito como arcaram com as mensalidades da escola dos quatro irmãos, mas todos eles estavam onde deveriam: em Eton, recebendo uma educação digna de cavalheiros. Annabel *não seria* responsável por terem que sair de lá.

– A esposa dele morreu... não sei quantos anos atrás – continuou Louisa. – Isso não importava, já que ele tinha um filho

perfeitamente saudável. E o filho teve duas filhas, portanto a esposa dele não era infértil.

Annabel assentiu, se perguntando por que era sempre a mulher que era infértil. Um homem não poderia ser infértil também?

– Então o filho dele morreu. Foi uma febre, eu acho.

Annabel já havia tomado conhecimento dessa parte, mas com certeza Louisa sabia mais, por isso Annabel perguntou:

– Ele não tem nenhum outro herdeiro? Deve haver um irmão ou um primo por aí.

– Um sobrinho – confirmou Louisa. – Sebastian Grey. O problema é que lorde Newbury o *odeia*.

– Por quê?

– Não sei – respondeu Louisa, dando de ombros. – Ninguém sabe. Inveja, talvez? O Sr. Grey é absurdamente bonito. Todas as damas se jogam aos seus pés.

Eu gostaria de ver isso, fantasiou Annabel, imaginando a cena: um Adônis louro, os músculos apertados contra o colete, atravessando um mar de mulheres que desmaiavam. Melhor ainda se algumas delas estivessem meio acordadas, talvez agarrando a perna dele, tentando derrubá-lo...

– Annabel!

Ela despertou de seu devaneio. A prima falava com uma impaciência atípica, e seria bom que ela prestasse atenção.

– Annabel, isso é importante.

Annabel assentiu, e uma sensação desconhecida tomou conta dela – talvez de gratidão, com certeza de amor. Praticamente acabara de conhecer a prima, mas já havia entre elas um profundo vínculo, e ela sabia que Louisa faria tudo que estivesse ao seu alcance para impedir que Annabel fizesse uma escolha lamentável.

Infelizmente, o conhecimento de Louisa naquele tema específico era limitado. E ela não entendia – ou melhor, era *incapaz* de entender – as pressões que sofria a filha mais velha de uma família pobre.

– Ouça – implorou Louisa. – O filho de lorde Newbury morreu deve fazer... hã... pouco mais de um ano. E o homem começou a procurar uma esposa antes mesmo de o corpo esfriar.

– A esta altura ele já não deveria ter encontrado uma?

Louisa balançou a cabeça.

– Ele quase se casou com Mariel Willingham.

– Quem? – Annabel tentou associar o nome à pessoa.

– Isso mesmo, você nunca ouviu falar dela. Ela morreu.

Annabel arregalou os olhos. Sem dúvida, era um jeito bastante insensível de dar uma notícia tão trágica.

– Dois dias antes do casamento, ela pegou um resfriado.

– E morreu em dois dias? – perguntou Annabel.

Era um pouco mórbido, mas, oras, ela precisava saber.

– Não. Lorde Newbury insistiu em adiar a cerimônia. Argumentou que era para o bem dela, que ela estava doente demais para suportar, mas todos sabiam que na verdade ele queria ter certeza de que ela era saudável o suficiente para lhe dar um filho.

– E então?

– Bem, então ela morreu. Resistiu por cerca de duas semanas. Foi muito triste, muito mesmo. Mariel sempre foi muito gentil comigo.

– Louisa balançou a cabeça de leve, depois continuou: – Lorde Newbury escapou por pouco. Se tivesse se casado com ela, teria que ficar de luto. Já havia sido um escândalo ele procurar uma esposa logo após a morte do filho. Se a Srta. Willingham não tivesse morrido antes do casamento, ele teria que guardar luto por mais um ano.

– Quanto tempo ele esperou antes de recomeçar a busca? – indagou Annabel, temendo a resposta.

– Não mais que duas semanas. Acho que não teria esperado nem isso se houvesse alguma chance de passar despercebido. – Louisa espiou ao redor, e seus olhos pararam no xerez de Annabel.

– Preciso de um chá.

Annabel se levantou e tocou a sineta, para evitar que Louisa

interrompesse a história.

– Depois que retornou a Londres – prosseguiu a prima –, ele começou a cortejar lady Frances Sefton.

– Sefton – murmurou Annabel.

Ela conhecia aquele nome, mas não sabia de onde.

– Sim – confirmou Louisa animadamente. – Isso mesmo. O pai dela é o conde de Brompton. – Ela inclinou o corpo para mais perto de Annabel. – Lady Frances é a terceira de nove filhos.

– Meu Deus.

– A Srta. Willingham era a mais velha de quatro, mas ela... – Louisa se conteve, visivelmente sem saber como falar aquilo de forma polida.

– Ela se parecia comigo? – arriscou Annabel.

Louisa assentiu, com a expressão sombria.

– Suponho que ele nunca tenha olhado duas vezes para você – comentou Annabel com uma careta irônica.

Louisa analisou a si mesma, com seus meros 50 quilos.

– Nunca. – E, em uma rara manifestação de blasfêmia, acrescentou: – Graças a *Deus*.

– O que aconteceu com lady Frances? – perguntou Annabel.

– Fugiu. Com um *lacaio*.

– Deus do céu. Ela devia ter uma relação antiga com ele, não? Ninguém fugiria com um lacaio apenas para evitar se casar com um conde.

– Você acha que não?

– Bem, acho – respondeu Annabel. – Não seria nada prático.

– Não creio que ela estivesse preocupada em ser prática. Deve ter pensado apenas em como poderia não se casar com aquele... aquele...

– Por favor, não termine a frase.

Louisa assentiu.

– Se o objetivo era evitar o casamento com lorde Newbury – continuou Annabel –, é provável que existissem maneiras mais

apropriadas do que fugir com um laçao. A menos, é claro, que ela estivesse apaixonada por ele. Isso muda tudo.

– Não foi nem uma coisa nem outra. Ela debandou para a Escócia e nunca mais ninguém ouviu falar dela. Àquela altura, a temporada social havia acabado. Tenho certeza de que lorde Newbury vem procurando uma noiva desde então, mas acredito que seja muito mais fácil durante a temporada, quando estão todos reunidos. Além disso – acrescentou Louisa, como se a ideia só tivesse lhe ocorrido naquele instante –, se ele estivesse atrás de outra dama, dificilmente eu teria ficado sabendo. Ele mora no sul, em Hampshire.

Louisa certamente havia passado o inverno na Escócia, tremendo de frio em seu castelo.

– E agora ele está de volta – afirmou Annabel.

– Sim, e agora que perdeu um ano inteiro, quer encontrar alguém o mais rápido possível. – Louisa olhou para a prima com uma expressão terrível, metade pena, metade resignação. – Se ele estiver interessado em você, não perderá tempo com cortejos.

Annabel sabia disso, e também sabia que, se lorde Newbury a pedisse em casamento, seria muito difícil recusar. Seus avós já haviam insinuado que apoiavam a união. A mãe permitiria que Annabel declinasse, mas ela se encontrava a mais de 100 quilômetros de distância. E Annabel sabia exatamente qual seria a reação da mãe ao assegurar que a filha não precisava se casar com o conde.

Haveria amor, mas também preocupação. Nos últimos tempos, sempre havia preocupação no olhar de sua mãe. No primeiro ano depois da morte do pai, ela ficara de luto, mas agora restava apenas preocupação. Annabel acreditava que a mãe estava tão preocupada em sustentar a família que não havia sobrado tempo para o luto.

Se lorde Newbury de fato desejasse se casar com ela, proveria apoio financeiro suficiente para aliviar o peso nas costas de sua

mãe. Ele poderia pagar pela educação dos irmãos dela. E providenciar os dotes para as irmãs.

Annabel não aceitaria se casar a menos que ele concordasse em arcar com essas obrigações. Por escrito.

Mas ela estava se precipitando. Ele não tinha pedido sua mão em casamento. E ela não tinha decidido aceitar. Ou tinha?